

ENTREVISTA COM CYNTHIA BEATRICE COSTA



Patrícia Rodrigues Costaⁱ
Doutoranda em Estudos da Tradução (PGET/UFSC)
prcosta1986@gmail.com

Germana Henriques Pereiraⁱⁱ
POSTRAD/UnB
germanahp@gmail.com

Jornalista, revisora e tradutora. Cynthia Beatrice Costaⁱⁱⁱ fez mestrado em Literatura e Crítica Literária na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP) e é doutoranda em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É colaboradora do site “Educar para Crescer”, da Editora Abril, e do “Lonely Planet”, da Globo Livros, e do Grupo A. Foi editora da Revista da TAM e da Artmed Editora. Pesquisou no mestrado as traduções para o português brasileiro de “Alice no País das Maravilhas” e no doutorado pesquisa as traduções de Machado de Assis para o inglês. Especializou-se em traduções infanto-juvenis, culinárias e de guias de viagem.

215

1. Você é graduada em jornalismo. Acredita que uma graduação em Tradução teria te moldado em uma profissional e pesquisadora diferente da que é hoje? Como?

Acredito que sim, mas também gosto de como as coisas se desenrolaram. Às vezes acho que, se voltasse no tempo, teria optado por Tradução ou Letras como primeira formação. Considero importantíssimo estudar a tradução seriamente, como disciplina, passando por conceitos, teorias e estratégias práticas. Uma graduação em tradução teria dado uma base sólida nesse campo. Por outro lado, ter me formado em jornalismo e trabalhado como jornalista por muitos anos (quase 15, pois comecei a estagiar com 18 anos) me treinou como escritora e me colocou em contato com muita cultura geral – livros, filmes, viagens, a possibilidade de entrevistar grandes nomes das artes, enfim, uma riqueza de assuntos e informações que, acredito, teve papel decisivo na minha atividade como tradutora. Para

traduzir, defendo que, quanto maior for o seu repertório cultural, melhor. Também consegui traçar um percurso acadêmico alternativo nos Estudos da Tradução desde a faculdade de jornalismo: meu TCC já foi sobre tradução literária.

2. *Como a tradução entrou na sua vida? O que despertou esse interesse?*

Fiz o Ensino Médio em um colégio suíço em São Paulo, no qual aprendíamos línguas e a atividade tradutória fazia parte do dia a dia escolar, mesmo que eu não tivesse consciência clara disso. Anos depois, no momento de escolher um assunto para o meu TCC na faculdade de jornalismo, enquanto os meus colegas elaboravam revistas, programas de TV e livros-reportagem, eu optei por uma monografia. Sempre gostei da pesquisa acadêmica. Estudei, ainda que de maneira bem despreparada à época, três traduções brasileiras de Hamlet. Foi aí que me apaixonei pela Teoria da Tradução e decidi que faria um mestrado nessa área. No programa de Crítica Literária da PUC-SP, também propus algo diferente da maioria dos colegas – estudei cinco traduções brasileiras de Aventuras de Alice no País das Maravilhas. Assim que entrei no mestrado, comecei a buscar oportunidades para me tornar tradutora profissional. E, por meio de uma feliz indicação, à qual sou muito grata, virei colaboradora de um estúdio editorial, que prestava serviço para diversas editoras em São Paulo. Foi aí que comecei a traduzir livros: primeiro, de culinária; depois, infanto-juvenis, o que faço ainda hoje; e, por último, de turismo, que também continuo fazendo. Continuei a minha carreira no jornalismo, mas, paralelamente, aos poucos fui me dedicando mais à tradução. Hoje, já quase não trabalho mais como jornalista.

3. *Como sua formação em jornalismo contribuiu para o ofício de tradutora?*

Como disse lá em cima, acho que contribuiu para dois aspectos principais: o manejo do texto e o contato com muitas informações, de diversas áreas. A escrita, as horas passadas em frente ao computador, a atenção à revisão do texto, a vontade de escrever cada vez melhor: tudo isso faz parte da vida do jornalista, e também do tradutor. Além disso, mesmo que indiretamente, a tradução sempre fez parte da minha vida de jornalista, pois entrevistava com frequência em

inglês, depois escrevia a matéria em português. A Revista da TAM é bilíngue e, quando eu trabalhava lá, participava da revisão dos textos traduzidos.

4. *Qual a vivência com o inglês e o francês?*

Aprendi inglês desde bem cedo, na escola e em cursos extracurriculares. Fiz também um intercâmbio para a Inglaterra na adolescência. Sempre fui apaixonada pela língua inglesa. Lembro de ter querido aprender bem para entender os meus filmes preferidos sem legenda. Já o francês, comecei a cursar no colégio, com 14 anos. Depois, me formei na Aliança Francesa e passei uma temporada em Paris. No caso das duas línguas, fui incentivada por professores a tirar certificados de proficiência – como os Cambridges do inglês e o Delf e Dalf do francês – para tê-los no currículo. De fato, isso me ajudou bastante, inclusive na carreira de jornalista. Saber línguas sempre é um atrativo no mercado de trabalho.

5. *Quais os principais desafios na sua carreira de tradutora?*

São muitos! O primeiro de todos foi conseguir “entrar” nesse meio. Fui bem perseverante. Felizmente, contei (e ainda conto) com a ajuda de colegas de trabalho que me apresentaram a editores de livros e, no fim das contas, ganhei a minha primeira chance. Uma vez com o contato feito, foi a hora de dar a cara a bater e aprender na prática. Sofri bastante, às vezes ainda sofro, pois traduzir não é fácil. Não basta conhecer a língua de partida; é preciso entender o que se quer com aquele texto (entreter? comunicar? ensinar? informar?), em que circunstâncias ele será publicado, por quem será lido etc. Além disso, traduzir é um trabalho solitário, que exige concentração e muitas e muitas horas de “sangue, suor e lágrimas”. Obedecer aos prazos é outro ponto importante, e nem sempre fácil de cumprir. Para completar, a tradução pode ser polêmica e gerar discussões, portanto é preciso ter diplomacia e não se apegar demais ao seu ponto de vista. Por exemplo, você pode ser a favor de manter os nomes das personagens tal qual no texto de partida, mas seu editor prefere mudá-los para que fiquem mais acessíveis aos leitores brasileiros. Essas situações pedem cabeça fria. Hoje, gostaria muito de traduzir literatura para adultos, mas também estou sentindo dificuldade para

fazer a transição. Como venho trabalhando há tempos com livros infanto-juvenis e guias de turismo, os editores tendem a me procurar para essas áreas.

6. *Que tipo de texto prefere traduzir?*

Prefiro textos literários, que são a minha verdadeira paixão desde menina, mas também me identifico com o estilo dos guias de turismo. É um texto esperto, bem elaborado e muito informativo. Dá para viajar pelo mundo todo sem sair de casa!

7. *Quais/Quem são seus clientes em potencial? Para quem trabalha?*

Trabalho, sobretudo, para grandes editoras, como Abril, Globo Livros, Publifolha (as três em São Paulo) e Grupo A (em Porto Alegre). Sou colaboradora de uma editora menor, a DCL (também de São Paulo), que me traz muitas alegrias, pois publica bons livros infanto-juvenis. Acredito que deva cultivar esses contatos e também outros potenciais, com editoras menores em outras cidades brasileiras. Tenho um sonho, em particular, de trabalhar com uma editora específica, mas não vou dizer qual é!

218

8. *Você traduz textos de culinária e guias de viagem. Há alguma metodologia para traduzi-los?*

Sim. Nos dois casos, glossários de termos específicos são extremamente úteis. Na culinária, ao longo do tempo, fui montando arquivos com as traduções de ingredientes e dos verbos essenciais (untar, bater, refogar, grelhar etc.). Depois de tantos livros – acredito que tenham sido mais de 20 – já conseguia escrever sem consultar tanto o glossário. No turismo, uso até mesmo um glossário só de adjetivos, para que a paisagem, por exemplo, possa ser pitoresca, exuberante, aconchegante, não apenas “linda” – tento manter o tom envolvente do texto de partida. O texto de turismo também deve ser extremamente preciso, pois o leitor o usará para se guiar durante a viagem. Por isso, em caso de dúvida, checo todas as informações nos sites oficiais dos respectivos destinos ou em Atlas on-line. Em ambos os casos, de turismo e

culinária, a quantidade de caracteres a traduzir costuma ser astronômica, daí a importância de organizar bem as horas de trabalho.

9. *Como percebe a visibilidade do tradutor no mundo editorial?*

Sou otimista e acredito que a visibilidade esteja aumentando, ao menos no Brasil. Vejo editores preocupados e envolvidos com o trabalho do tradutor – conversam sobre as suas escolhas, ouvem o que os tradutores têm a dizer, aceitam a inserção de notas do tradutor etc. Ainda há resistência, entretanto, de colocar o nome do tradutor na capa do livro. Acredito que a razão para isso seja comercial: o nome do tradutor lembra ao leitor que o texto passou por um intermediário, que ler a tradução não é o mesmo que ler o “original” – embora nós, pesquisadores, saibamos que não é nem melhor nem pior, apenas diferente. Quando se trata de um tradutor renomado ou de uma celebridade do mundo das letras, aí sim há maior interesse em colocar seu nome na capa. Mas acredito que, aos poucos, isso vá mudar também.

219

10. *Por que desistiu de ser repórter/jornalista para iniciar pesquisas voltadas para os Estudos da Tradução? Tem vontade de seguir carreira acadêmica?*

Sim, gostaria de ser professora e pesquisadora nessa área, além de continuar traduzindo. Embora goste de jornalismo e tenha aprendido muito com ele, a minha relação com a tradução é muito mais curiosa: tenho vontade de ler o máximo que posso a esse respeito, conversar com pessoas, fazer aulas, participar de seminários, compartilhar conhecimentos etc. Sinto-me sortuda por ter um tema de que gosto tanto e que considero inesgotável, pois isso me impulsiona na vida como um todo. Hoje, acho que o jornalismo foi mais uma porta de entrada para que eu chegasse à tradução. Isso, aliás, não aconteceu só comigo; muitos tradutores eram, originalmente, jornalistas, ou conduzem as duas carreiras paralelamente.

11. *Durante sua pesquisa de mestrado sobre as traduções de “Alice no País das Maravilhas”, você conseguiu perceber alguma dificuldade para leitura e interpretação do texto literário com vistas à tradução?*

Há dificuldade para todo lado: a leitura do texto de partida em sua língua, a compreensão que fiz (e que os tradutores que estudei fizeram) desse texto, o que considerei (e o que eles consideraram) essencial ou não na tradução desse texto. Por exemplo, nem todas as traduções de Alice mantiveram os versos, aqueles poeminhas que aparecem em meio à prosa, e essa é justamente uma das partes que mais gosto no texto de Carroll. Algum motivo, porém, os tradutores devem ter tido para cortá-los, e discuti isso na dissertação. A manutenção do *nonsense* carrolliano é outra pedra no sapato do tradutor (e também do crítico), pois depende de um manejo cuidadoso das palavras. A tradução do texto literário é particularmente difícil não por ser mais importante do que outras – traduções ditas “técnicas”, jurídicas, científicas etc. também são importantíssimas – mas por se tratar de uma expressão artística. As palavras, ali, compõem uma unidade estética. Entender isso e produzir algo semelhante em outra língua é bastante desafiador.

220

12. *Ainda sobre as traduções de Alice no País das Maravilhas. Qual era a relação das traduções/adaptações com o público? Quais as diferenças mais marcantes nas traduções em relação ao público-alvo?*

Antes da recém-lançada tradução da Vanessa Barbara, publicada pela Globo Livros (2014), e da tradução do professor Nicolau Sevcenko para a Cosac Naify (2009), a Alice brasileira que mais se prestava a trabalhos acadêmicos e críticas mais complexas sobre o universo carrolliano era a do Sebastião Uchoa Leite (1980), considerada ainda hoje a mais “canônica”. Trata-se de uma tradução de todo o texto de Carroll, de ponta a ponta, com uma clara preocupação em manter os trocadilhos e o *nonsense* que caracterizam a obra do autor inglês. Em geral, porém, as traduções de Aventuras de Alice no País das Maravilhas são voltadas para o público infanto-juvenil – muito por influência da animação da Disney, de 1951, que colocou Alice nesse universo – e, por isso, tendem a facilitar/adaptar o texto de partida para o leitor criança. Lançada pela Companhia das Letrinhas, a Alice de Ruy Castro (1992) é claramente um livro infantil e passou por diversas adaptações – bem elaboradas, aliás.

Monteiro Lobato (1931) e Ana Maria Machado (1998) publicaram textos supostamente “íntegrais”, ou seja, como se fosse a Alice de Carroll completa traduzida para o português, mas com diversas adaptações textuais e até mesmo omissões dos versos que entremeiam a prosa. Tudo isso mostra como o público-alvo que a editora tem em mente, o seu mercado consumidor, influencia a maneira pela qual é realizada a tradução.

13. *Você acredita que a formação acadêmica em nível de graduação pode ensinar a traduzir textos literários ou é necessário ter algum talento específico? Quais seriam os maiores problemas e dificuldades nesta formação?*

Acredito que a formação acadêmica possa ensinar, sim, a tradução literária. Mas não apenas a graduação, mas sim a formação como um todo. Acho que a graduação (e a pós-graduação também) tem de ser acompanhada, sobretudo, por um gosto pessoal pela literatura e pelo hábito de ler ficção, poesia, ensaios. Sou grande defensora da leitura como forma de aprendizado para a tradução e a escrita. De todo modo, tendo a acreditar mais no esforço do que no talento “natural”. Aulas com pesquisadores da área e tradutores experientes, somadas à prática em sala de aula e a um desejo de se desenvolver nesse campo, certamente ajudarão muito. A maior dificuldade, acredito, é a literatura em si – é difícil manter a sua complexidade e riqueza em outra língua. Mas, embora não existam fórmulas prontas, alguns grandes tradutores que são também professores, como o Paulo Henriques Britto, por exemplo, podem indicar caminhos preciosos para os que estão começando. Eu adoro aulas de prática de tradução, pois sempre aprendo bastante.

221

14. *Machado de Assis é cada vez mais traduzido para diversas línguas. Um fato um tanto irônico, já que Machado foi tradutor de diversas obras e começou a traduzir aos 18 anos. O pesquisador Jean-Michel Massa afirma que Machado traduzia sempre a partir do francês, mesmo conhecendo inglês, italiano e espanhol. Como você vê a importância do Machado-tradutor para o Machado-escritor?*

Já passei muitas horas procurando declarações do próprio Machado sobre a sua atividade de tradutor, mas acredito que sejam raras, ou talvez inexistentes. Tenho essa curiosidade. O que

sabemos é que, como crítico literário, Machado nem sempre era piedoso com tradutores, culpando-os, por exemplo, pela “indigência do teatro nacional”, como mostrou Eliane Fernanda Cunha Ferreira em suas pesquisas.

Como traduzir envolve, naturalmente, o ato da escrita, em sendo escritor e tradutor ao mesmo tempo, Machado se dedicava extensivamente à escrita – e foi se aprimorando cada vez mais. Por meio da tradução, ele também teve contato com o estilo de grandes escritores estrangeiros (como Victor Hugo, Dickens, Shakespeare) e, possivelmente, absorveu assim algumas das tantas referências a obras estrangeiras presentes em sua prosa. Sem dúvida, porém, Machado foi melhor escritor do que tradutor. Como tradutor, ele seguia a moda da época – traduzindo sempre do francês, ainda que a língua de partida fosse outra, e com excessivas liberdades, adaptando passagens – e muitas vezes traduzia para completar seu orçamento mensal e nada mais. O quanto ele conhecia outras línguas costuma ser controverso: há quem defenda, como Massa, que ele lia bem inglês, espanhol e alemão, mas que seu conhecimento do francês sempre foi superior.

222

15. *Gregory Rabassa, um dos tradutores de Machado de Assis e de Gabriel García Marquez para o inglês, afirmou que traduzir Machado é fácil, pois “alguns escritores traduzem a si mesmos ao dizer coisas que só podem ser ditas de um único modo. Machado é assim. Além disso, ele não é um escritor difícil em termos de estilo”. O que os outros tradutores de Machado falam sobre o processo tradutório? Há um consenso?*

Não, não há consenso. A começar, há quem culpe as más traduções pela relativa baixa popularidade de Machado no mundo anglófono – embora presente em círculos acadêmicos, não se trata de um escritor conhecido como García Márquez e mesmo como os brasileiros Jorge Amado e Paulo Coelho. Nessa mesma linha do Rabassa, o escocês R. L. Scott-Bucleuch, que traduziu *Iaiá Garcia* (1976), *Memorial de Aires* (1990) e *Dom Casmurro* (1992), declarou não ter tido tantas dificuldades com o texto machadiano, por considerar que seu estilo não foge àquele da tradição britânica – suas traduções, entretanto, são frequentemente rechaçadas pela crítica. O inglês John Gledson, um dos maiores especialistas em Machado fora do Brasil, também traduziu o autor e defende que nenhuma tradução em língua inglesa de *Dom Casmurro* (inclusive a dele) saiu a contento, pois são muitas as

armadilhas da prosa machadiana. Eu, particularmente, sempre achei essa declaração de Rabassa um pouco esdrúxula, pois não acredito que algo possa ser dito apenas de um único modo. Se assim fosse, a tradução de Brás Cubas de William L. Grossman não seria tão diferente da do próprio Rabassa. De toda forma, sempre desconfio de quem considera fácil traduzir, seja lá o que for. Cada obra terá os seus desafios, ainda mais quando se trata de alta literatura.

16. *Para encerrar, poderia falar do que trata sua pesquisa de doutorado?*

Estudo as três traduções de *Dom Casmurro* para o inglês, feitas por Helen Caldwell (1953), R. L. Scott-Bucleuch (1992) e John Gledson (1997), sob o ponto de vista da concepção de tradução que cada um dos tradutores expressou em ensaios, prefácios e críticas. Como os três teorizaram longamente sobre *Dom Casmurro* (mais a Caldwell e o Gledson) e sobre a tradução em si (sobretudo Scott-Bucleuch), creio que seja possível apreender as suas estratégias a partir de seus escritos. A tese confrontará os pontos de vista dos tradutores com o resultado de suas traduções e investigará, assim, em que medida a própria tradução não seria uma maneira de teorizar.

223

RECEBIDO EM 05/06/2014

ACEITO EM 01/07/2014

ⁱ Lattes Patrícia Rodrigues Costa. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9546437584230118>

ⁱⁱ Lattes Germana Henriques Pereira. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5479032498605468>

ⁱⁱⁱ Lattes Cynthia Beatrice Costa. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4559061442633545>